

André Alves
 Lucas Liedke
 Henry Krutzen
 Maria Luiza Gastal

Crise ecológica, crise psíquica

Realização Bruno Esposito, Gisela Haddad, Ivy Semiguem e Lucas Simões Sessa

André Alves e Lucas Liedke são escritores, psicanalistas e pesquisadores de cultura e comportamento. São fundadores do instituto @floatvibes e apresentadores do Vibes em Análise, podcast que faz uso da psicanálise para gerar reflexões sobre o estado atual do mundo e as mudanças do nosso tempo. Vale escutar o episódio “Ansiedade Climática”.

Henry Krutzen é psicólogo e psicanalista, membro da International Association for Relational Psychoanalysis and Psychotherapy (IARPP) e do Grupo Relacional Ibero Latinoamericano de Psicoterapia y Psicoanálisis (GRILPP). É autor do Índice referencial do seminário de Jacques Lacan (Toro ed., 2021) e de cinco livros sobre psicanálise relacional, sendo os dois últimos *Sobre Trauma e Ecopscianálise* (Zagdoni, 2023).

Maria Luiza Gastal é psicanalista da Sociedade de Psicanálise de Brasília, professora assistente do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo e membro do Comitê de Clima da IPA. É bióloga, doutora em Ecologia pela Universidade de Brasília, tendo atuado no Ministério do Meio Ambiente, como consultora do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

DOI: 10.70048/percurso.72.103-112

Em seu livro *Banzero òkòtò: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*, Eliane Brum conta que, a partir de sua mudança para Altamira, foi amazonizando-se ao perceber em si um processo de desconstrução do corpo, de desmanchar do Eu, num fundir-se com a floresta amazônica. Em suas palavras “a Amazônia salta para dentro da gente como num bote de sucuri, estrangula a espinha dorsal do nosso pensamento e nos mistura à medula do planeta. O que nos tornamos não tem nome. Não porque não tenha, mas porque não conhecemos a sua língua”.

Se seu relato nos causa estranheza, é porque coloca em xeque as cristalizadas relações que mantemos com nosso corpo e com o meio ambiente, ao oferecer uma visão contrária ao projeto civilizatório dos séculos passados. Historicamente a noção de progresso esteve vinculada à ideia de domínio sobre a natureza pelo receio de que sua força, sem um controle, ameaçaria a preservação de nossa espécie. No entanto, a engenharia do progresso passa pela colonização do meio ambiente, como nos lembra Vladimir Safatle, já que o “progresso” pressupõe uma atitude violenta e ostensiva de separação, imposição, objetificação e domínio da natureza, tratada como objeto a ser explorado, sendo suas energias utilizadas para o benefício humano. Benefício que em geral não chega às camadas desfavorecidas e/ou marginalizadas da população, que diante de catástrofes climáticas cada vez mais frequentes são as mais atingidas. Ainda que constituam um fenômeno global, as consequências do aquecimento se manifestam de maneira local, contingencial e imprevisível, sendo, portanto, além de uma questão ambiental, uma questão social e psíquica, que impacta de formas diferentes os grupos populacionais.

O neologismo *racismo ambiental* tenta chamar a atenção ao sofrimento e desamparo, mas principalmente à impotência desses grupos, já que, sem previsão, as catástrofes ambientais costumam provocar perdas e danos traumáticos em suas vidas. *Ecoansiedade, ansiedade climática e luto ecológico* também ganham espaço em nosso vocabulário tentando nomear as dores e os sintomas deste novo mundo.

Por outro lado, se há décadas se anuncia a possibilidade de mudanças climáticas catastróficas, que mais recentemente nos assombram com o aquecimento global e seus eventos extremos e inesperados – secas prolongadas, chuvas torrenciais, tornados, enchentes etc. –, os clamores de certos setores para uma ação orquestrada da governança planetária visando a medidas protetivas do sistema climático global não alcançam um quórum necessário. Ao contrário, a degradação dos ecossistemas e do meio ambiente é acompanhada por resistências ativas das sociedades humanas. Pesquisas voltadas a esse tema apontam tanto as estratégias de construção midiática do campo negacionista, quanto uma certa apatia na percepção pública diante dos riscos de recentes eventos

André Alves e Lucas Liedke
Atmosferas afetivas e a escuta climática

Chove sem parar. E mesmo quando para, a água segue subindo, a tragédia segue jorrando. Em diversas partes do país e do globo terrestre, temos o fogo, as secas, os deslocamentos emergenciais, para nomear alguns eventos. O clima vem ficando mais denso, quase tão pesado quanto o ar irrespirável de grandes cidades como São Paulo e Manaus. Nesse ritmo, torna-se cada vez mais evidente que o colapso climático deixou de ser uma provável realidade futura – o clima já mudou.

Clima é um significante curioso. Pode dizer tanto de condições meteorológicas como de uma atmosfera afetiva que nos envolve. E ambos os significados não são tão distantes assim. Até



*por outro lado,
há décadas se anuncia a
possibilidade de mudanças
climáticas catastróficas, que mais
recentemente nos assombram com
o aquecimento global e seus eventos
extremos e inesperados – secas
prolongadas, chuvas torrenciais,
tornados, enchentes etc.*

climáticos extremos. Por quais razões não avançamos em direção à sustentabilidade, que, em última instância, possibilitaria nossa sobrevivência?

A seção Debate da *Revista Percurso* convida nossos debatedores a refletir sobre os rumos de nossa sociedade humana.

porque as alterações climáticas provocam reações no nosso humor, como acontece na depressão sazonal, que acomete milhões de pessoas durante o inverno em países frios. Somos seres permeáveis e sensíveis à temperatura, afinal de contas. Talvez até mais do que nos damos conta.

Quando falamos dos efeitos das mudanças climáticas, como as recentes e trágicas enchentes no Rio Grande do Sul, nenhuma palavra consegue dar conta do que está acontecendo. “Catástrofe” parece desresponsabilizar quem tem contas a prestar. “Desastre” insinua que a natureza chegou aqui sozinha. “Colapso” é insuficiente quando 2.12 milhões de pessoas foram afetadas.



*nomear o Grande
Outro se faz necessário
para pensarmos em
como diferentes narrativas
massivas influenciam –
e manipulam – psicologias
de grupo diante de grandes
oscilações e
transformações*

O horror tem esse poder de devorar até mesmo a linguagem.

Ainda na gramática da dor, fala-se do “sem precedentes”, mas sabemos que não se trata do primeiro evento impulsionado por condições colapsantes. A região serrana do Rio de Janeiro, Petrópolis, Pernambuco e o próprio Rio Grande do Sul, para citar alguns. O problema é que a experiência não se transformou em sabedoria, nem em práticas preventivas. Como o trauma que se repete, justamente porque foi “deixado de lado”. Por isso, nada parece tão urgente quanto a capacidade de fazer desse momento um divisor de águas, não só de vidas. Se a solidariedade não vier também com algum tipo de revolta, estaremos “apenas” socorrendo pessoas hoje para que elas percam tudo novamente nos próximos eventos extremos. Afinal, precisamos acreditar que o traumático poderá escoar de uma forma diferente da repetição, ou do agravamento crônico de uma crise tão contínua que já se consolida como permacrise.

Em um contexto no qual somos cada vez mais impactados pelas consequências trágicas do clima na vida material e emocional das pessoas, também cresce na cultura de massa todo um novo vocabulário do sofrer. Ecoansiedade, ecoculpa,

ecopsicologia, luto ecológico, solastalgia, preocupação biosférica, traumas climáticos e ecofobia. Efeitos de uma condição coletiva que vai se agravando: a ansiedade climática. Condição essa que convoca diferentes reações e mecanismos mentais que afetam nossos psiquismos, relações e o estado atual do mundo. Ainda mais quando até mesmo o Real dos fatos é questionado.

A atmosfera suficientemente boa que constitui (ou não) cada um de nós tem uma influência significativa nos padrões de comportamento e respostas emocionais, bem como na forma como cada um atua com sua ansiedade climática. Há diversos estudos sobre a relação entre a forma como cada um lida com as mudanças climáticas e seu grau de escolaridade, inclinação política, classe social, profissão e faixa etária. Na psicanálise, porém, sabemos que nenhum marcador social pode demitir um sujeito de sua subjetividade. Ou seja, cada um será atravessado pelas mudanças climáticas e seus efeitos de forma singular; ainda que influenciado culturalmente, socialmente e economicamente. A noção de clima é sempre uma construção coletiva e sistêmica, mas nunca uma resolução unânime e global. Cada atmosfera subjetiva tem formações psicossomáticas próprias, assim como o clima planetário também habita nosso inconsciente.

Nomear o Grande Outro se faz necessário para pensarmos em como diferentes narrativas massivas influenciam – e manipulam – psicologias de grupo diante de grandes oscilações e transformações. As teorias, as notícias e o conteúdo impulsionam – e são impulsionados por – diferentes mecanismos de defesa em operação. Em meio a questões tão complexas, essas sim sem precedentes na história da humanidade, muitos nos perguntamos sobre o que podemos fazer. Seguindo nessa direção, o que a psicanálise teria a contribuir em um mundo que sofre de um caso cada vez mais crônico de ansiedade climática? Nessa dança entre feridas coletivas e sintomas subjetivos, pulsa uma das questões mais urgentes do nosso tempo: como escutar as nossas emoções climáticas?



outra resposta em curso é o êxito absoluto da paranoia, do gozo na infodemia e no doomscrolling, um feed infinito de notícias do fim do mundo, um empuxo ao catastrofismo

Como Freud mostrou há bastante tempo, a imprevisibilidade das forças destrutivas da natureza é um dos maiores motores de angústia e medo de que temos notícia. Nesse sentido, a possibilidade de um clima ainda mais “fora do controle” é assustadora demais e, como manda a cartilha do recalçamento, precisa ser negada. Nessa trilha, a negação da realidade parece ser o mecanismo de enfrentamento mais comum para lidar com o que vem acontecendo no mundo externo e interno.

Estabelece-se aqui um funcionamento mental que prioriza a desconfiança de qualquer fato, notícia, previsão ou estudo científico, de forma que as crenças pessoais mais antigas se mantenham inabaláveis. Assim, o Ego não tem que lidar com a responsabilidade ou a culpa pelo que já aconteceu ou vai acontecer. Como se tudo fosse mesmo uma obra divina, ou do acaso, e o antropoceno é lido como apenas mais um mito humano. No núcleo dessa postura paira a ideia de que o clima não mudou muito ou não mudou de forma alguma; segue instável como sempre foi.

É importante, no entanto, refinar o entendimento sobre os deslocamentos negacionistas que fazem parte da fibra do tecido social brasileiro há séculos. Aquele que sofre de negacionismo não se enxerga como alienado, mas sim como mais bem informado que os demais, aquele que conhece a “verdadeira verdade” e que “sabe” que todas as narrativas massivas são mentirosas. Nesse sentido, notícias falsas e mentiras em massa são como instrumentos fundamentais na negação do colapso. Instala-se então uma obsessão por identificar e denunciar pontos e detalhes muitas vezes imaginários ou insignificantes de como as coisas realmente funcionam.

Na prática, o negacionismo não funciona como uma identidade com a qual o sujeito se sustenta, mas sim um espectro de afetação. Cada indivíduo tem seu próprio conjunto de manifestações e diversidade de sintomas, tornando-o único dentro do espectro. É no mínimo curioso que, segundo dois estudos publicados em 2023, 61% dos brasileiros acreditam que precisarão se

mudar nos próximos anos por conta das mudanças climáticas (Ipsos), mas apenas 56% acreditam que a mudança climática seja grave (FGV). Habitamos um mundo em que é possível, por exemplo, acreditar na mudança climática, mas não no colapso iminente.

Se muitas vezes buscamos amenizar um conflito e até negar o medo, também somos capazes de substituir o medo de fora pelo exagero das angústias interiores. Nesse sentido, outra resposta em curso é o êxito absoluto da paranoia, do gozo na infodemia e no *doomscrolling*, um *feed* infinito de notícias do fim do mundo, um empuxo ao catastrofismo. O transbordamento dessa angústia produz um sentimento coletivo de que, no atual estado de deterioração das coisas, não tem muito que possa ser feito, então é melhor se entregar à inação e ao inativismo ambiental – pura apatia climática. É como se a narrativa de fim do mundo fosse sedutora demais, irresistível demais.

Não conseguimos viver com medo por muito tempo, então nos adaptamos. Só que essa adaptação ao mesmo tempo pode estar apenas alimentando nossa destrutividade. O costume vira um “novo normal”, até que um novo baque nos pegue desprevenidos, mas já não tão surpresos assim.



como nos lembra Félix Guattari em A revolução molecular, temos responsabilidades ético-políticas em relação ao futuro. Não somente o futuro das humanidades, mas também o futuro do planeta, bem como o futuro do próprio ser

Entre catastrofismos e negacionismos, nos sentimos sobrecarregados pela magnitude do problema. Então, paralisamos.

Na ignorância de acreditar que sabe de tudo, o sujeito se perde do todo e da possibilidade de vislumbrar mudanças sistêmicas, que obviamente não acontecem de um dia para o outro. Temos também de conseguir lidar com a impotência, no saber e no agir. Exatamente por isso que é preciso desmontar as estratégias cognitivas vigentes, abrindo caminho para vislumbrar e criar novas possibilidades. A escuta climática, portanto, precisa ser mais do que uma escuta do fim do mundo. Não somos e nem seremos como terapeutas terminais da orquestra do Titanic, tocando as últimas notas enquanto a embarcação afunda.

Henry Krutzen

Debate sobre ecopsicanálise, alguns pontos e eixos de reflexão

Em primeiro lugar, a clínica. Cada vez mais, em nosso cotidiano chegam pacientes com ecoansiedade e ecoluto. Sem perspectivas de futuro, são

A psicanálise nos ajuda, afinal de contas, a pensar em formas de promover transformações na nossa capacidade de pensar e agir. Como argumenta o psicanalista e escritor britânico Christopher Bollas, quando alguém está atravessando algum tipo de colapso / breakdown, há também uma tentativa do sujeito de fazer algum tipo de breakthrough / atravessamento. Nesse sentido, o colapso climático também pode funcionar como uma espécie de objeto transicional no desenvolvimento de uma nova estrutura psíquica.

Existe ainda, na articulação entre psicanálise e a necessidade urgente de preservação do meio ambiente, a capacidade de sustentar a angústia. Trata-se de aprender a encontrar algum tipo de conforto e movimento na incerteza; é permanecer presente e ativo mesmo em meio ao incômodo, infamiliar e inquietante. A escuta climática parte do pressuposto de que o mundo e o futuro serão mais bem servidos se mantivermos nossa sanidade, mas não a normopatía. Se vai ser o suficiente, se vai dar tempo, não sabemos. Mas o que não dá é para o desespero climático deprimir o nosso senso de ativismo e a nossa capacidade de trabalhar com a linguagem para simbolizarmos o novo.

Como nos lembra Félix Guattari em *A revolução molecular*, temos responsabilidades ético-políticas em relação ao futuro. Não somente o futuro das humanidades, mas também o futuro do planeta, bem como o futuro do próprio ser. Nenhum fatalismo, negacionismo, paranoia ou qualquer recurso psíquico pode nos deixar esquecer que o colapso climático pode ser amenizado. Afinal, se não tivermos a capacidade de imaginar e lutar por um clima mais ameno, quem terá?

invadidos por pensamentos de destruição, sentimentos de desesperança e sensações de paralisia e congelamento. Em outras palavras, são pacientes

traumatizados. Mas o trauma não corresponde a um evento dramático do passado, bullying ou outras causas de traumas, do ponto de vista psicopatológico. Ao contrário, são medos do futuro, traumas que estão a caminho, comportamentos de autodestruição por gozos desenfreados, que empurram cada vez mais os limites. Em seus discursos, tais comportamentos extremos não são problemáticos, “são as coisas que a gente faz”, dizem. Nas análises, não buscam resolvê-los. Depois de um tempo em análise, isso se apresenta como a última versão do “no future”, do antigo movimento punk dos anos 1970. “Somos provavelmente a primeira geração que não terá filhos, porque somos todos fodidos, este planeta está fodido, e a única coisa para se fazer é aproveitar o mais possível antes de ir embora.”

Em segundo lugar o analista. Não é mais possível escutar essas queixas e avaliá-las como exclusivamente intrapsíquicas. A crise ambiental nos alcança a todos, e é necessário escutar este sofrimento, pois “não se envolver” corresponde a uma negação, recusa, desmentido do que acontece em nosso planeta. Lembremos aqui o relato de Frieda Fromm-Reichmann, uma pioneira no estudo da esquizofrenia, que pouco antes de deixar a Alemanha nazista para emigrar aos Estados Unidos atendeu uma jovem paciente que sofria de uma multiplicidade de sintomas, sobretudo medos e fobias. Após três anos, com a melhora de seus sintomas, recebeu alta. Pouco tempo depois, sendo judia, foi presa e levada a um campo de concentração, de onde não voltou. Pergunta: ajudar as pessoas a se adaptarem a uma sociedade destrutiva faz mais mal do que bem? A pergunta não é retórica e talvez – não sabemos – Frieda Fromm-Reichmann tenha se questionado se não teria sido melhor aconselhar a jovem a deixar a Alemanha e emigrar, em vez de fazer uma análise e cair nas mãos dos nazistas.

Em nossos consultórios, ajudamos pais a criar seus filhos, divorciados a se orientarem, casais a encontrar caminhos que aprofundem suas relações, enquanto, do lado de fora, o ar fica mais poluído e os ecossistemas dos oceanos se alteram.



*o trauma não corresponde
a um evento dramático do passado,
bullying ou outras causas de traumas,
do ponto de vista psicopatológico.
Ao contrário, são medos do futuro,
traumas que estão a caminho,
comportamentos de autodestruição
por gozos desenfreados,
que empurram cada
vez mais os limites*

Qual é o sentido da terapia, e qual a responsabilidade de um terapeuta num mundo assim? (O'Connor, 1995).

Há que se questionar a clínica em que o analista propõe interpretações para a resolução das fantasias inconscientes de seus pacientes. Seria importante não deixar de fora o campo co-construído com o paciente, a cada momento do processo. É sua responsabilidade, relacional, ética e política.

O terceiro ponto é que a crise ambiental nos força a reconsiderar nossa relação com a chamada natureza. Costumamos pensar uma ecologia sem natureza, apoiada pela ideia de que é a natureza que atrapalha qualquer pensamento eficiente ecológico. Nesse sentido, não existiria nenhum estado natural ecológico do ser humano para o qual poderíamos retornar, ou caminhar para frente. Uma das fontes importantes dessa ideia de natureza é o legado do romantismo do fim do século XVIII e do século XIX. É urgente começarmos a ter atitudes novas em relação ao que chamamos de natureza, para além das lindas imagens de um pôr do sol, um pico de montanha coberto de neve ou uma floresta vista de cima. Foi também durante o período romântico que o capitalismo se instalou, com a industrialização e o neocolonialismo,



*organize grupos de fala
com amigos, colegas
e desconhecidos. Proponha
um debate sobre as perdas.
Perdas de parentes, do jardim
da casa da infância, dos sonhos
de um futuro apagado, do
cachorro que foi atropelado,
das fantasias que imaginava
na sua cama de adolescente*

e hoje se espalha por todo o planeta. Talvez não dê para separar essa economia, que se desenvolveu de maneira predadora, das ideias desencarnadas de uma natureza romântica, que sofreria cada vez mais os efeitos da primeira. São dois lados da mesma moeda! A ideia de uma ecologia sem natureza permitiu a naturalização da ideia de uma natureza como um princípio transcendental, o que nos deixa presos a comportamentos e atitudes contraditórias e ideias paradoxais sobre o meio ambiente e nos impede – por enquanto – de pensar uma ecologia alternativa a esse modelo romântico de dois séculos atrás. A ecologia que estamos procurando ainda não existe.

Tal posição não se apoia em um pensamento pós-moderno de um relativismo “absoluto” ou em

Maria Luiza Gastal

Psicanálise no tempo das catástrofes

Comecei a escrever este texto no primeiro dia das chuvas que se converteram na maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul, e numa das maiores do Brasil até hoje. Naquele dia, li,

leituras descentradas de referências culturais e artísticas. Trata-se de buscar os pontos de contradição dessas posições discursivas, de trazê-las à luz da crítica, esperando que o sistema se reorganize quando puder! Isso abriria o espaço para uma ecologia crítica, para além do mito romântico recorrente e do saque sistemático perpetrado por uma economia de mercado desenfreada e descontrolada, que ameaça o pouco que nos sobra. “Ou pior”, diria Lacan, um distanciamento do gozo estético ligado à natureza e suas doutrinas românticas pode constituir um passo saudável para a sobrevivência. Seria nossa sobrevivência negociável? Tendo a apostar em uma resposta afirmativa, embora a ecologia sem natureza aponte o contrário. Também a ciência é atravessada pela permanência dessa influência romântica nos debates contemporâneos, não sendo segredo o fato de que toda pesquisa científica necessita de financiamento para poder existir. A chamada ciência pura não existe.

Para terminar, uma proposta: organize grupos de fala com amigos, colegas e desconhecidos. Proponha um debate sobre as perdas. Perdas de parentes, do jardim da casa da infância, dos sonhos de um futuro apagado, do cachorro que foi atropelado, das fantasias que imaginava na sua cama de adolescente, da sua bicicleta que foi roubada, dos seus amigos desaparecidos ou ausentes, da sua boneca de criança, da geladeira da família, etc. Que essas perdas sejam compartilhadas numa complexidade caótica, até... até... alguma coisa surgir. O que seria isso? Ninguém sabe! Faz parte de uma ética melancólica para uma ecologia escura...

num portal de notícias, que um jacaré de dois metros de comprimento fora atropelado em uma avenida de Porto Alegre. No então segundo dia de chuva, havia centenas de desabrigados e três



pessoas (duas humanas e uma não humana – o jacaré) mortas.

Naquele dia, o portal informava ainda sobre uma ponte arrastada pela correnteza diante da prefeita que fazia uma live, e que a pior onda de calor desde 1943 continuaria assolando o centro e o sudeste do Brasil. Outra matéria indagava “Como sabemos se as mudanças climáticas estão realmente acontecendo?” Ainda li que o derretimento das geleiras torna a escalada do Everest mais perigosa, porque os caminhos mudam constantemente e a redução da cobertura de gelo põe à vista (e ao olfato) três toneladas de excremento humano deixadas pelos turistas.

Às notícias sobre essa tragédia somam-se tantas outras: por exemplo, a de que em 2023 o mar da Flórida atingiu a temperatura de 38,4°C, levando pesquisadores e voluntários a tentarem salvar amostras de cada espécie de corais, para conservá-los em tanques climatizados de água salgada. Ou a da quebra de recordes de calor oceânico, aumento do nível do mar, perda de gelo marinho na Antártica e recuo das geleiras. Ou ainda sobre o Relatório da Organização Meteorológica Mundial mostrar que 2023 foi o ano mais quente já registrado, prevendo um 2024 pior.

Sete dias depois, tudo piorou muito. Após haver subido mais de cinco metros, 83 anos depois da enchente da qual cresci escutando falar pela boca dos mais velhos, o Guaíba transpôs o muro e os diques construídos em razão da primeira enchente e se elevou a uma altura maior do que aquela de 1941. O número de pessoas humanas atingidas não para de subir (sabemos pouco sobre os não humanos). Hoje, 12 de maio de 2024, já são 143 humanos mortos, 806 feridos, 125 desaparecidos, 573.200 desalojados e 81 mil em abrigos, estando mais de 446 dos 497 municípios do estado atingidos.

Glenn Albrecht cunhou o termo “solastália” a partir de *solace* (conforto ou consolo diante um sofrimento ou evento angustiante), *desolation* (abandono e solidão) e do sufixo “algia” (dor, sofrimento ou doença). Solastália é a “dor ou doença psíquica decorrente de uma perda ou do

Glenn Albrecht cunhou o termo “solastália” a partir de solace (conforto ou consolo diante um sofrimento ou evento angustiante), desolation (abandono e solidão) e do sufixo “algia” (dor, sofrimento ou doença)

sentimento de isolamento ligado à supressão, aniquilamento ou risco de desaparecimento da casa ou do território de alguém”. É o sofrimento de sujeitos ou comunidades cujo território é atacado, erodindo o senso de pertencimento e de identidade.

Solastália, para mim, não é mais mero conceito. Está cravado em meu corpo e em minha alma, diante das imagens do centro histórico de Porto Alegre, território onde nasci, cresci, morei, estudei, brinquei. Sinto-a na dor de ver a água sob os arcos da Casa de Cultura Mário Quintana e nas imagens da Usina do Gasômetro cercada pela água, recebendo refugiados climáticos das ilhas de Porto Alegre. Ou de ver o Mercado Público de Porto Alegre mais uma vez alagado, como na foto de 1941, que era só história. Parte de mim se afoga com minha cidade.

No interior do estado, as cenas também revelam uma violência ainda destruidora e descomunal. Cidades submersas, algumas pela terceira vez em nove meses. Pessoas que recém-reconstruíram suas casas, suas vidas, sua história, depois do desastre anterior, são outra vez varridas pela fúria da catástrofe. Algumas cidades talvez não possam ser reconstruídas. Cenas e notícias parecidas



Isabel Stenger chama de “intrusão de Gaia” o gigantesco acontecimento do aquecimento global e eventos associados – extinção massiva de espécies, acidificação dos oceanos, pandemias, eventos climáticos extremos e tantos outros. Gaia reage como consequência de como a afetamos, não como vingança

com as de Petrópolis, São Sebastião, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina e tantas outras, nos últimos dois anos, para falar somente do Brasil.

Lovelock e Margulis denominaram Gaia o conjunto de relações que ocorre no planeta e que articula seres vivos, oceanos, atmosfera, clima, solos. Gaia é um ser vivo, dotado de história e regime de atividades próprio, originado das múltiplas e complexas relações entre os processos que o constituem, de tal modo que a variação de um repercute sobre os outros, de formas complexas e múltiplas.

Isabel Stenger chama de “intrusão de Gaia” o gigantesco acontecimento do aquecimento global e eventos associados – extinção massiva de espécies, acidificação dos oceanos, pandemias, eventos climáticos extremos e tantos outros. Gaia reage como consequência de como a afetamos, não como vingança.

Gaia é indiferente à pergunta “quem é responsável?” e não age como justiceira – parece que as primeiras regiões da Terra a serem atingidas serão as mais pobres do planeta, sem falar de todos esses viventes que não têm nada a ver com a questão. [...] A intrusão do tipo de transcendência que nomeio Gaia instaura, no seio de nossas vidas, um desconhecido maior, e que veio para ficar (p. 52).

Indiferente ao Homem (como assinala Latour, maiúsculo, falando “de todo mundo de maneira indiferenciada e preguiçosa”), aquela entidade mítica que acreditava tudo poder com a Cultura e a Ciência, Gaia ruge. A Ciência, também maiúscula, masculina (a despeito da discordância da língua), europeia, que alimentava nossa ilusão de que a razão e o progresso sempre nos salvariam, agora nos alerta de que o fim desse mundo é uma realidade. A intrusão de Gaia nos impede de chamar o que estamos vivendo de “crise” climática ao fingir que nada acontece. A emergência climática nos deixa pouco tempo para imaginar e construir um futuro hostil (e não mortal), que dela emerge, com novos regimes climáticos e hídricos, menos espécies, menos alimento, novas doenças. Não há mais lugar nem tempo para a desmentida.

Ainda assim, muitos insistem em afirmar que o que está acontecendo é normal, sempre houve tragédias, a vida é assim mesmo, é “natural”. Como pode?

A tanatologista Kriss Kevorkian cunhou o termo “luto ambiental” para nomear o que acredita ser uma razão para nosso descaso com as evidências da mudança climática: a motivação para a ação dependeria de podermos reconhecer nosso “luto ambiental”. Mas não temos, diz ela, um léxico análogo ao do luto humano para a perda de nosso mundo natural, e este seria um “luto desprivilegiado”, nome dado por Ken Doka, gerontologista, ao luto não reconhecido ou invalidado, como o que se segue ao suicídio ou aborto. Incapazes de viver o luto, a desmentida é uma saída de vida.

Em *Transformações*, Bion descreve a mudança catastrófica como aquela que produz uma subversão da ordem ou sistema de coisas e que se impõe de forma brusca e violenta, acompanhada de sentimentos de desastre. Mais tarde, em *Memória do futuro*, assinala que ela pode também representar uma erupção ou desobstrução, e não apenas colapso. O novo. Como na catástrofe da tragédia grega, vivemos um evento que rompe com o presente e lança o futuro numa estrada desconhecida, numa nova ordem sobre a qual ainda nada sabemos.

A psicanálise, filha da modernidade, surgiu como mais uma aposta de que a Cultura e a Ciência nos libertariam das garras do que era visto como natureza hostil. O Homem, a despeito das forças do inconsciente, seria capaz, por um trabalho de autoconhecimento, de enfrentar e vencer as agruras da natureza, este outro ameaçador, ainda que ao preço do inevitável mal-estar.

Hoje, a má notícia vem das ciências (minúsculas e frágeis como tudo o que é humano), que já não nos prometem “o fim da crise” e nos exigem ações e mudança. O mundo moderno não existe mais e o Homem não pode (nunca pôde) tudo. A colega Liana Bastos, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, conclamou-nos, no Observatório Psicanalítico da FEBRAPSI, a aprender com os cunhados, abandonar a ideia de que “só podemos nos ligar a alguém que esteja na mesma relação com um terceiro termo superior: pai, pátria, religião, ideologia”. Nossa fratria capitalista é incapaz de pensar outro mundo, e é tempo de escutar e aprender com cunhados que sustentam o céu com suas culturas originárias. Aprender a viver o fim do mundo, experiência que conhecem, e imaginar outros mundos, enquanto este se desmancha.



*a psicanálise do mundo
das catástrofes também
é chamada a imaginar esses
outros mundos, com outras
novas relações, e a se debruçar
sobre subjetividades que
emergem desse mundo forjado
pela emergência climática*

A psicanálise do mundo das catástrofes também é chamada a imaginar esses outros mundos, com outras novas relações, e a se debruçar sobre subjetividades que emergem desse mundo forjado pela emergência climática. Os fatos da catástrofe climática não podem mais ficar apartados do pensar e do fazer psicanalíticos, como se pudéssemos nos dedicar a um inconsciente sem história social e sem a intrusão de Gaia. É pra ontem.